

VOL VII

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2023

VOL VII

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2023



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^ª Dr.^ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.^ª Dr.^ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^ª Dr.^ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^ª Dr.^ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University*, Russia
Prof.^ª Dr.^ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol VII / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilingue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81701-06-2

DOI 10.37572/EdArt_271123062

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano.
3. Sociologia. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

En este **séptimo volumen** de la obra titulada ***Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade***, tenemos la oportunidad de acompañar a los autores, participantes de esta publicación de la Editora Artemis.

En ella se evidencia el interés por la divulgación de las investigaciones realizadas, siendo muy variadas en cuanto a temáticas, no así en lo disciplinar. En efecto, la investigación en educación incluye desde lo histórico, lo socio-cultural realizada mediante el análisis de figuras, gráficas y modelos matemáticos, técnicas comunitarias para escuchar música clásica, la educación superior portuguesa, la pedagogía eficaz desde la aplicación de una encíclica papal y el mantenimiento cultural-religioso.

También observamos temáticas sociales desde la psicología con problemáticas indígenas, los efectos de tareas que producen agotamiento, la problemática del divorcio en su influencia con los hijos, la cultura de la alimentación que produce obesidad infantil, y las relaciones en épocas de gobiernos de factos donde se observó violencia sexual. Las actividades más liberales como la arquitectura, produce en personajes, una identidad creativa que se transforma en influyente como así también la actividad de la construcción que produce una organización institucional para determinar tareas de gerenciamiento.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

PRÓLOGO

Neste **sétimo volume** da obra intitulada ***Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade***, temos a oportunidade de acompanhar os autores, participantes desta publicação da Editora Artemis.

Demonstra interesse na divulgação das pesquisas realizadas, sendo muito variadas em termos de temas, mas nem tanto em termos de disciplina. Com efeito, a investigação em educação inclui desde o histórico, o sociocultural realizado através da análise de figuras, gráficos e modelos matemáticos, técnicas comunitárias de audição de música clássica, ensino superior português, pedagogia eficaz a partir da aplicação de uma encíclica papal e cultural -manutenção religiosa.

Observamos também temas sociais da psicologia com os problemas indígenas, os efeitos das tarefas que produzem esgotamento, o problema do divórcio em sua influência sobre os filhos, a cultura da alimentação que produz a obesidade infantil e os relacionamentos em tempos de governos de fato onde a violência sexual era observado. As atividades mais liberais, como a arquitetura, produzem nos personagens uma identidade criativa que se torna influente, assim como a atividade de construção que produz uma organização institucional para determinar tarefas de gestão.

Esperando que estas obras sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

TEACHING HISTORY OR RETELLING ANCIENT STORIES WITH PICTURES: WILLIAM BLAKE AND THE SCHOOL VERSION OF *VIRGIL*

Mei-Ying Sung

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230621

CAPÍTULO 2..... 10

(UN)GATHERED TOGETHER: COMMUNAL TECHNIQUES OF LISTENING TO CLASSICAL MUSIC IN LISBON

Roman Korolev-Namazov

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230622

CAPÍTULO 3..... 24

OLHARES DE DOCENTES SÉNIOR SOBRE AS REALIDADES DOS/AS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR PORTUGUÊS

Sofia Veiga

Helena Sofia Rocha Lopes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230623

CAPÍTULO 4..... 37

THE ECOLOGICAL ETHICS OF LAUDATO SI', ITS PEDAGOGY AND DOABLE SOLUTIONS FOR A GREENER PHILIPPINES

Antonio Levy S. Ingles, Jr.

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230624

CAPÍTULO 5..... 46

BAHÁ'Í RELIGION FACING SUSTAINABILITY MATTERS: SOME PROPOSALS

Marta Scialdone

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230625

CAPÍTULO 6..... 58

ANÁLISIS DE FACTORES SOCIOCULTURALES EN LA MOVILIDAD ESTUDIANTIL
MEDIANTE MODELIZACIÓN MATEMÁTICA

Gustavo Adolfo Juarez
Silvia Inés del Valle Navarro
María Luz del Valle Quiroga
Sonia Laura Mascareño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230626

CAPÍTULO 773

CULTURA ORGANIZACIONAL BAJO LA PERCEPCIÓN GERENCIAL EN PYMES DEL
SECTOR CONSTRUCCIÓN

Román Alberto Quijano García
Roger Manuel Patrón Cortés
Giselle Guillermo Chuc
Fidel Ramón Alcocer Martínez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230627

CAPÍTULO 8.....82

COORDINACIÓN DE PARENTALIDAD Y MODELO MULTIFACTORIAL: DIVORCIOS
CONFLICTIVOS Y RECHAZO DE MENORES

Gloria Terrats Ruiz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230628

CAPÍTULO 9..... 88

RACISMO CONTRA OS POVOS INDÍGENAS DO NORDESTE: DA IDEOLOGIA À
DESIDEOLOGIZAÇÃO

André Luiz Teles Ramos
José Fernando Andrade Costa

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230629

CAPÍTULO 10..... 108

ENSAIO SOBRE O ESGOTAMENTO: CORPOS MELANCÓLICOS E NEOLIBERALISMO

Laila Algaves Nuñez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27112306210

CAPÍTULO 11.....122

OBESIDADE INFANTIL NÃO É DOENÇA? A PERSPECTIVA DE PAIS DE ESCOLARES
SOBRE O EXCESSO DE PESO EM SÃO PAULO, BRASIL

Marta Pereira Militão da Silva

Rosana Machin Barbosa

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27112306211

CAPÍTULO 12133

VIOLENCIA SEXUAL Y RESISTENCIA DE LAS MUJERES EN LA LUCHA CONTRA LAS
DICTADURAS LATINOAMERICANAS DEL CONO SUR

Pilar Iglesias Aparicio

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27112306212

CAPÍTULO 13..... 149

ARCHITECTURAL HISTORY IN FLUX: ERNESTO ROGERS AND THE DUALITY OF
ESTRANGEMENT AND FAMILIARITY

Lejla Vujcic

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27112306213

SOBRE OS ORGANIZADORES163

ÍNDICE REMISSIVO 164

CAPÍTULO 10

ENSAIO SOBRE O ESGOTAMENTO: CORPOS MELANCÓLICOS E NEOLIBERALISMO

Data de submissão: 23/09/2023

Data de aceite: 10/10/2023

Laila Algaves Nuñez

Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas da
Universidade Nova de Lisboa
Lisboa

<https://orcid.org/0000-0001-7048-3907>

RESUMO: Uma pesquisa pela palavra “cansaço”, no Google, nos leva a duas questões frequentemente perguntadas: *por que me sinto sempre cansado?* e *o quanto de cansaço é normal?* A percepção de um estado generalizado de esgotamento é tanto sentida nos corpos ocidentalizados quanto tema de interesse acadêmico crescente nos últimos anos – Deleuze, Pál Pelbert, Byung-Chul Han são alguns dos autores que, de

forma mais ou menos direta, abordam o assunto. Nesse sentido, tentaremos sugerir algumas respostas às duas inquietações aqui mencionadas, partindo-se da hipótese de que o corpo é, por excelência, o *locus* da produção, do diagnóstico e de uma possível transmutação de um modo de viver avaliado como inerte, exaurido e melancólico.

PALAVRAS-CHAVE: Esgotamento. Cansaço. Melancolia. Corpo. Capitalismo neoliberal.

ESSAY ON TIREDNESS: MELANCHOLIC BODIES AND CONTEMPORANEITY

ABSTRACT: A quick search for the word “tiredness”, on Google, leads us to two frequently asked questions: *why do I always feel tired?* and *how can I know if my fatigue is normal?* The perception of a generalised state of exhaustion is both felt in Westernised bodies and the subject of growing academic interest in recent years – Deleuze, Pál Pelbert, Byung-Chul Han are some of the authors who, in a more or less direct way, address the subject. In this sense, this article tries to suggest some answers to the two concerns mentioned here, starting from the hypothesis that the body is, par excellence, the locus of production, diagnosis and a possible transmutation of a way of living assessed as inert, exhausted and melancholic.

KEYWORDS: Exhaustion. Tiredness. Melancholy. Body. Neoliberal capitalism.

Ficar sentado o menor tempo possível; não dar crença ao pensamento não nascido ao ar livre, de movimentos livres — no qual também os músculos não festejem. Todos os preconceitos vêm das vísceras. — A vida sedentária (Sitzfleisch) — já o disse antes — eis o verdadeiro pecado contra o santo espírito.

Friedrich Nietzsche

1 INTRODUÇÃO

Dizer que a história do sistema capitalista é acompanhada de um processo de aceleração do mundo parece ser uma constatação consensual e quase óbvia. Ao longo de todas as suas fases, que se acumulam mais do que se excluem – um capitalismo industrial, financeiro, informacional, de vigilância, globalizado e neoliberal –, a representação imagética e teórica que impera é aquela da *velocidade*. Multidões que se esbarram e se espalham por todas as direções em alguma grande avenida estadunidense, olhos nervosos que assistem à descida e subida dos números nas bolsas de valores ao redor do globo, incontáveis aviões que povoam o céu e deslocam-se às mais remotas cidades a 900 quilômetros por hora.

De fato, o projeto econômico que suscita tal imaginário é o da atividade e circulação ininterruptas do capital, um sistema cujo desempenho ideal depende da produtividade 24/7 e que, “no seu paradigma conexcionista, (...) estar sempre a fazer alguma coisa, a mexer, a mudar (...) [é o] que tem prestígio, por oposição à estabilidade, muitas vezes sinônima de inação” (Boltanski e Chiapello apud Crary, 2018, p. 23). No entanto, a hipótese do presente ensaio é a de que a fantasia da agilidade, da prontidão e do movimento encoberta um modo de viver, hoje, diametralmente contrário. Não à toa, nos últimos anos, começa-se a definir o homem como “insuficiente” (cf. Erhenberg, 2010), portador de um “corpo esgotado” (cf. Deleuze, 2010 e Pelbart, 2013), um corpo “que não aguenta mais” (cf. Lapoujade, 2002) e que pressupõe uma “sociedade do cansaço” (cf. Han, 2017).

Enquanto promove e encoraja a aceleração, a somatopolítica neoliberal é causa e efeito de um corpo cada vez mais paralisado e sentado, postura em que operamos as inúmeras máquinas industriais e digitais nos atuais padrões de produção-consumo. Etimologicamente, *sentar* e *sedar* derivam da mesma palavra-mãe latina *sedere*, revela-nos Baitello Junior (2017, p. 21). Em seu livro “O Pensamento Sentado” – fonte de importantes ideias para esta pesquisa –, o autor salta por entre curtos capítulos enquanto traça uma breve genealogia da mobilidade humana, associando-a, também, à atividade do *pensar*:

Com a postura sentada pretende-se acalmar o animal inquieto e criativo, um verdadeiro vulcão pronto para entrar em erupção a qualquer momento. (...) Parece que tudo no mundo moderno (...) gira em torno de uma cadeira, um

O diagnóstico de um estado generalizado de esgotamento – sintomático de um tempo homogêneo e de um corpo apático, que perdeu sua capacidade de reação e de ação – leva-nos a elaborar, ainda, a ideia de que a experiência tão antiga como íntima da melancolia se torna, na moral capitalista e neoliberal, um dos eixos fundamentais de sustentação do poder. Nesse sentido, as figurações da melancolia – tais como a tristeza, a paralisia do tempo, a anestesia e a hipocondria (Moreira, 2018, p. 315) – podem ser atualizadas para nossas condições sócio-históricas específicas, ao mesmo tempo em que assinalam uma (talvez surpreendente) unidade do *typus melancholicus*.

Este recorte temático, no entanto, privilegiará, sempre que possível, uma observação do corpo. Corpo este tomado como entidade imediatamente expressiva, cujos “membros, a cara, a pele, a voz ‘esquematizam’ o sentido dos afectos e pensamentos que (...) se inscrevem no interior” da mesma forma que constituem, eles mesmos, superfície de inscrição e comunicação entre o espaço interno e o espaço exterior objetivo (Gil, 1997, p. 180). Logo, o corpo, conceito que tão habilmente se esquia de definições precisas e seguras, é aqui considerado o *locus* primordial da produção, do diagnóstico e de uma possível transmutação do estado melancólico, inerte e exaurido que acomete os sujeitos contemporâneos.

O texto será dividido em três seções, que organizam as hipóteses apresentadas acima em torno de três perguntas: (1) *por que me sinto sempre cansado?*, questão que já acumula 1.490.000.000 de resultados de busca no Google¹; (2) *por que ainda a melancolia?*, título de um inspirador artigo publicado há apenas três anos acerca das atuais implicações e potencialidades políticas da melancolia (Moreira, 2018); e (3) *o quanto de cansaço é normal?*, inquietação também frequentemente dirigida ao Google e recomendada automaticamente ao se digitar o termo “cansaço” em inglês (*tiredness*). Assim, traçamos um percurso entre (1) o reconhecimento de uma conformação sensorial que obedece à lógica da automação e precarização neoliberal, investindo em um corpo sedentário, esgotado e indissociável do circuito conforto-productividade-consumo; (2) a aproximação desta condição corporal, social e política à experiência da melancolia, através da análise de suas representações tradicionais e de seus modelos clínico-psicanalíticos; para chegarmos, enfim, à (3) insinuação de humildes propostas para caminhos possíveis de revitalização do corpo – com a devida cautela para não perdermos de vista que “a verdadeira doença não é estar doente, mas, na cura, possuir remédios que pertencem ainda à doença” (Lapoujade, 2002, p. 85).

¹ Número referente à pesquisa pela pergunta, em inglês, *why do I feel so tired all the time?*, no dia 14 de abril de 2021.

I. POR QUE ME SINTO SEMPRE CANSADO?: A NEGOCIAÇÃO DA VITALIDADE

Em pesquisa realizada em 2015 pela *American Heart Association*, constatou-se que apenas 20% da força de trabalho estadunidense, naquele ano, correspondia a atividades fisicamente ativas. Enquanto isso, observou-se um aumento de 83% no número de trabalhos sedentários desde 1950². Dados como estes colocam-nos diante de um aparente absurdo, uma pergunta que comumente nos assalta: como posso estar cansado se, durante o dia inteiro, estive, em rigor, sempre *sentado*? A questão que motiva este capítulo mascara, na verdade, uma pergunta primordial: estou cansado *de quê*?

A predominância de um certo modo de trabalho imaterial – tendência ampliada e acelerada, ainda, pelas imposições de distanciamento social pela pandemia do Covid-19 – solicita do trabalhador “não seus músculos nem sua força física, mas sua inteligência, sua força mental, sua imaginação” (Pelbart, 2011, p. 147). Sentados e imóveis durante a maior parte de nossos dias, resta-nos o horizonte distante, enquadrado e virtual. A promessa de felicidade está nos ecrãs, nas janelas sintéticas que oferecem um mundo ora histórico, ora sedativo e, muitas vezes, ambos simultaneamente. As imagens a que assistimos e as (pseudo)atividades que realizamos – que não mais se distinguem entre aquelas que são próprias do tempo de labor e aquelas que são próprias do tempo de lazer – pretendem que não nos despertemos do “estado pré-comatoso em que colocamos nossos corpos nos depósitos de corpos, as cadeiras, sofás, bancos, assentos e poltronas” (Baitello Junior, 2017, p. 52). Capturados como que por uma “rede metálica”, “o livre jogo dos (...) [nossos] gestos” (Kleist, 2009, p. 141) cede à atrofia total, à espera de paralisias excitadas e tensões paralisantes. De mãos dadas com a utopia tecnológica, o capitalismo neoliberal negocia, então, a ingestão de seus principais produtos:

a serotonina, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, os antibióticos, o estradiol, o álcool e o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína, o citrato de sildenafil (Viagra) e todo aquele complexo material-virtual que pode ajudar na produção de estados mentais e psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, de onipotência, de controle total (Preciado apud Pelbart, 2013, p. 127).

Em outras palavras, “o que está em jogo é uma forma de vida depauperada, uma economia dos afetos sobre a qual repousa toda a economia dos bens de consumo” (Citton apud Pelbart, 2013, p. 29). Se, na sociedade disciplinar descrita por Foucault (2013), a sujeição dos corpos se efetua através da repressão ou da ideologia, a sociedade contemporânea – da transparência, da positividade e do cansaço (cf. Han,

² Disponível em <https://atgprod.heart.org/HEARTORG/HealthyLiving/PhysicalActivity/FitnessBasics/The-Price-of-Inactivity_UCM_307974_Article.jsp>. Acedido em: 15 abr. 2021.

2017) – emprega técnicas de modelização e modulação que incidem exatamente sobre o “*espírito da vida e da atividade humana*”. Ela assume o controle dos seres humanos ‘por dentro’ (...) e ‘por fora’ (...), ao atribuir a eles certos modos de percepção e sensibilidade (...)” (Lazzarato, 2014, p. 38, grifos nossos). Em vez de – ou melhor, além de – um corpo dócil, mais vale, hoje, a produção de um corpo carente, distraído, sedentário; em suma, um corpo abandonado, “analfabeto das emoções das quais recolhe ecos difratados” (Citton apud Pelbart, 2013, p. 29) e enfraquecido de sua potência vital.

É curioso que, em busca por dados relativos ao sedentarismo global, encontremos, ao lado de uma série de prognósticos e estatísticas médicas do tipo “6% das mortes no mundo estão vinculadas à inatividade física”, uma lista de artigos comerciais relacionados à cadeiras ergonômicas (Figura 1). A cadeira, durante muitos séculos reservada aos poucos que detinham poder e luxo, é introduzida no chão de fábrica e popularizada somente a partir da Revolução Industrial. Hoje, não é exagero dizer que todas as nossas atividades cotidianas se organizam em torno de assentos, que devem ser cada vez mais confortáveis. O objetivo é que *sentemos* de modo que não *sintamos* o corpo.

Figura 1 – captura de ecrã do sítio <<http://ergonomictrends.com/sedentary-lifestyle-sitting-statistics/>>, acessado em 17 abr. 2021.

4. 6% of Deaths Globally are linked to Physical Inactivity

So what are the risks of sitting for too long and living a sedentary lifestyle? Well, you have nothing but a dramatic increase in risk of developing chronic conditions and even death to look forward to.

According to the WHO (World Health Organization), physical inactivity is the **fourth leading risk factor for global mortality**. It accounts for:

- 6% of deaths globally
- 22% of heart disease
- 22% of colon cancer
- 12% diabetes and hypertension

RELATED POSTS TO CHECK OUT

The Best Ergonomic Desk & Chair Sets for Kids [2021 Edition]

9 Most Comfortable Office Chairs in 2021

8 Best Armless Office Chairs in 2021 to Consider

The 5 Best Ergonomic Foot Rests for Under the Desk in 2021



Historicamente, o desenvolvimento dos nossos glúteos esteve diretamente relacionado à manutenção da postura ereta (Montagu apud Baitello Junior, 2012, p. 21). De fortes músculos e alavancas poderosas para o correr, fugir e saltar, transformaram-se, bastante abruptamente, em pequenas almofadas para descanso e quietude. A esta altura do ensaio, pode parecer estranha a atenção que concedemos ao sentar. No entanto, é importante notar de que maneira o sedentarismo compulsório que perfaz os modos de viver capitalistas e ocidentalizados é *fonte e indício de sofrimento*, hipótese

que será também explorada no capítulo seguinte. O *homo sedens* é a imagem precisa do “cansaço de fazer e de poder. A lamúria do indivíduo depressivo de que *nada é possível* só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível*” (Han, 2017, p. 16).

Somos como personagens de Beckett, para os quais já é difícil andar de bicicleta, depois, difícil de andar, depois, difícil de simplesmente se arrastar (...). Mesmo nas situações cada vez mais elementares, que exigem cada vez menos esforço, o corpo não aguenta mais. Tudo se passa como se ele não pudesse mais agir, não pudesse mais responder ao ato da forma, como se o agente não tivesse mais controle sobre ele. Os corpos não se formam mais, mas cedem progressivamente a toda sorte de deformações. Eles não conseguem mais ficar em pé nem ser atléticos. Eles serpenteiam, se arrastam. Eles gritam, gemem, se agitam em todas as direções, mas não são mais agidos por atos ou formas. É como se tocássemos a *própria definição do corpo*: o corpo é aquele que não aguenta mais, *aquele que não se ergue mais* (Lapoujade, 2002, p. 82, grifos nossos).

É claro que, enquanto a *crise* for a modalidade que define a (não) gestão neoliberal, o *esgotamento* será a modalidade que define seus corpos. Como prognostica Lazzarato, a “governamentalidade liberal se exerce passando da crise econômica para a crise climática, para a crise demográfica, para a crise energética, para a crise alimentar etc. Mudando de nome, troca-se apenas de medo” (2017, p. 11). Os 1.490.000.000 resultados à pergunta *por que me sinto sempre cansado?* podem então ser objetivamente resumidos em uma frase: porque o corpo não aguenta mais “tudo (...) que o coage, por fora e por dentro” (Pelbart, 2011, p. 44). E não esqueçamos da potente afirmação de Judith Butler (2017, p, 146): “A melancolia é uma rebelião que foi derrubada, esmagada”.

II. POR QUE AINDA A MELANCOLIA?: A PRODUÇÃO DE CORPOS MELANCÓLICOS COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA

Ilda Teresa de Castro (2011), em seu ensaio “Alienação civilizacional, arte e melancolia”, põe em suspeita o fenômeno que, em pesquisas anteriores, havia concluído se tratar de uma “melancolia civilizacional”. Em sua mais recente publicação sobre o tema, corrige-se ao propor a inviabilidade de uma experiência verdadeiramente melancólica, em que o sujeito tomaria consciência de si próprio, em nossos tempos. O capitalismo neoliberal teria de tal forma nos confinado neste ciclo mercadológico e acelerado da produtividade-consumo que nem sequer restaria espaço ou tempo para a emergência da melancolia. No presente trabalho, porém, regressaremos à hipótese de que não apenas a melancolia persiste enquanto modo de viver contemporâneo, como, ainda, é um efeito necessário à sustentação das formas neoliberais de regulação de poder (cf. Moreira, 2018; Safatle, 2016; Pedrossian, 2008).

Começamos, então, pela definição psicanalítica da melancolia como proposta por Freud em seus ensaios de metapsicologia. Segundo ele, o melancólico é aquele que, como o sujeito em trabalho de luto, perdeu um objeto de amor. No entanto, contrariamente ao luto, o melancólico não sabe, precisamente, *o que* perdeu – e não consegue, portanto, elaborar a sua perda. O desejo livre, em vez de deslocar-se para outro objeto, retira-se para o ego e lá, contudo, não encontra “uso qualquer”, acabando por produzir “uma identificação do ego com o objeto abandonado” (Freud, 2013, p. 34). “No luto, o mundo se torna vazio e empobrecido; na melancolia, é o próprio eu (ego) que é atingido, ferido, dilacerado” (Peres, 2013, p. 60).

O efeito da melancolia, então, parece ser a perda do mundo social a partir da internalização de um profundo sentimento de abandono, de ausência. Nesse sentido, perguntamo-nos: não estaria esta descrição bastante próxima da construção neoliberal de um indivíduo “autônomo” (desamparado), que incorpora a culpa pelo seu próprio fracasso e a impotência diante da esfera política, da qual nem mais sente-se pertencente? Em concordância com as considerações de Safatle (2016), cogitamos, assim, a existência de um sistema que alimenta a *melancolização* dos sujeitos, lançando-nos a um tempo de inação, de sedentarismo *físico* e *político*, cujos resultados imediatos são os sentimentos de ressentimento e resignação. A “sombra do objeto que caiu sobre o ego” do melancólico (Freud, 2013, p. 34) seria esta lembrança contínua de nosso vínculo perdido, através da institucionalização do sofrimento, da solidão, do pessimismo e da descrença generalizada.

Ao passo que liberais clássicos [...] consideravam que o sofrimento, seja do trabalhador, seja do cidadão, é um problema que atrapalha a produção e cria obstáculos para o desenvolvimento [...], a forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair *mais produção* e *mais gozo* do próprio sofrimento. (Dunker, 2017, p. 284, grifos nossos).

Avançemos na caracterização da melancolia enquanto modelo para as angústias contemporâneas. Pinheiro e Vertzman (2012, p. 19), a partir da análise de casos clínicos, esforçam-se em organizar alguns traços psicossomáticos típicos dos melancólicos, dentre os quais estariam “uma enorme angústia que os assalta e cuja causa desconhecem”; “a dificuldade com relação a uma dimensão de futuro” em uma “vida marcada minuto a minuto”; “uma lucidez quase absurda”; e “um código moral bastante rígido que não só servirá para instrumentar a crítica mordaz que dirigem aos outros como também e, sobretudo, a si próprios”. Há neles, ainda, uma “preocupação permanente com a noção de ridículo” e, destacamos, “uma total estranheza com relação ao próprio corpo, como se esse corpo não lhes pertencesse” (Pinheiro e Vertzman, 2012, p. 19).

Em contraposição à ideia de que a melancolia, enquanto experiência excepcional, traria o sujeito “de volta a si” (De Castro, 2011), conclui-se que a prática psicanalítica revela um indivíduo nem sempre em verdadeiro contato com a sua própria condição melancólica – ou melhor, o aparato egoico do sujeito melancólico percebe uma inadequação, uma falta, mas a veste de um discurso lógico, lúcido, coerente. Parece ter um supereu que Freud definiu, inclusive, como cruel (Pinheiro e Vertzman, 2012, p. 34), que “encontra satisfação no autodesnudamento” (Freud, 2013, p. 32). É nesse sentido, ainda, que Pedrossian fala em uma *consciência feliz* que mascara o conflito do melancólico, impedindo-lhe “a mobilidade da consciência”, cujo desfecho é “uma convivência narcisista e melancólica com a realidade estabelecida” (2008, p. 173).

Sugerimos, então, que, se a presença da melancolia aparece comumente condicionado a um espaço e tempo próprios à contemplação, ao ócio e à monotonia, então há, sim, no contexto sedentarizado e “prático-inerte” (Sartre apud Crary, 2018, p. 121) do capitalismo neoliberal que descrevemos no primeiro capítulo, condições para a sua emergência. Além disso, não apenas viável, é interessante que o sujeito contemporâneo assimile racionalmente a sua solidão e autodepreciação melancólicas, retirando-se, impotente, da esfera social e política. Afinal, “se algo foi perdido na melancolia, entretanto tudo parece estar nos devidos lugares” (Pinheiro e Vertzman, 2012, p. 34), isto é, o consumo e a produção devem continuar, mesmo que seus agentes estejam esgotados.

E o esgotamento parece mesmo estar implicado no *typus melancholicus* ao longo de sua vasta e rica história. Já no século II d.C., Areteu da Capadócia oferece uma descrição da melancolia que impressiona pela acurácia atual: “O melancólico se isola; tem medo de ser perseguido e aprisionado; (...) transforma suas fantasias em verdade; queixa-se de doenças imaginárias (...). Acorda subitamente e é preso de um grande cansaço” (apud Solomon, 2014, p. 234). Além disso, atrevemo-nos a traçar um paralelo entre a postura e o gesto humanos como percebidos, hoje, e como retratados plasticamente pela tradição artística que se debruça sobre o tema da melancolia (Figuras 2 e 3).

que algo abandonou a cena. Mais uma vez, insinuamos que este *algo* é o próprio corpo, o corpo “que nunca está lá onde está o pensamento ou (...) os desejos” (Baitello Junior, 2012, p. 30), o corpo que, não estando mais no presente, “contém o antes e o depois, o cansaço, a espera” (Deleuze apud Lapoujade, 2002, p. 83). Se pensarmos na postura que assumimos cotidianamente em frente aos inúmeros ecrãs que nos cercam, ou talvez até na postura do leitor deste texto – e da autora que o escreve –, descobriremos, então, nossos corpos melancólicos. E o que fazer diante desta descoberta?

III. O QUANTO DE CANSAÇO É NORMAL?: SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA SAÚDE NÃO-MÉDICA E UMA SALVAÇÃO NÃO-TEOLÓGICA

Em artigo sobre a melancolia no século XXI, Grovier (2019) convoca o reavivamento da “rebelião aniquilada”, nos termos de Butler. Após um resgate histórico da representação da melancolia pela História da Arte –compreendendo algumas das imagens anexadas no capítulo anterior –, a jornalista convoca uma obra de 2019, um mural atribuído a Banksy (Figura 4), para convidar-nos a deixar a inércia. No grafite, uma criança está ajoelhada ao lado de uma pequena pá e um pequeno rebento que acabou de plantar. Em sua mão, um pequeno cartaz impresso com o logotipo geométrico do movimento ambiental *Extinction Rebellion*, uma ampulheta estilizada cercada por uma esfera – qualquer semelhança à gravura seminal de Dürer não é mera coincidência. Letras garrafais explicitam o apelo final: *from this moment despair ends and tactics begin*, anunciando, para Grovier, que “there’s no longer time to muse over hidden meanings or decrypt the entangled connotations of secret symbols. The age of subtlety is over, the mural seems to say. Melancholy is a luxury our survival cannot afford” (2019, online).

Figura 4 – mural de autoria atribuída a Banksy, surgido em abril de 2019 em Londres, Inglaterra.



Embora as ideias que o crítico de arte norte-americano expõe estejam alinhadas às teses deste ensaio, precisamos ponderar, com cuidado, sobre o que significaria tomar a melancolia como um “luxo” que poderia e deveria ser simplesmente rejeitado. Nesse sentido, importa esclarecer porque insistimos na melancolia em vez dos tantos outros nomes que se proliferam nos manuais diagnósticos de distúrbios nervosos, uma convicção tão bem manifesta por Moreira (2018, p. 315):

Talvez porque a retomada dessa figura clínica seja ainda capaz de expandir as possibilidades narrativas tão encolhidas nas linguagens técnicas do presente, talvez porque ela carrega com sua tinta negra a história atravessada pelos paradoxos do pensamento, porque ela nos ofereça seu esforço de imaginação e suas formas de expressão na arte, talvez porque ela seja uma condição ontológica, uma necessidade estética, uma afirmação política.

Assim, a melancolia, além de – ou apesar de, ou exatamente porque – produto e efeito direto dos modos de distribuição e investimento da libido prescritos pelo capitalismo neoliberal, pode também carregar um potencial de “denúncia das ficções que nos forjam”, impelindo-nos a engajar a figura da “melancolia ‘alada’, a que imagina e cria” (Moreira, 2018, p. 315). Embora possa parecer uma ideia romântica, um clichê acadêmico, a “crise revela as forças que estavam em jogo, ou melhor, ela as redistribui” (Pelbart, 2013, p. 37). É uma espécie de decisão, ao mesmo tempo consequência de algo e origem de algo outro. Se aqui tanto discutimos o cansaço generalizado que nos aflige, vale, agora, dizer que é precisamente o *esgotamento do possível* que nos conduzirá, talvez, à produção de outra modalidade de possível. Em outras palavras, “melancholy can be overcome only by melancholy” (Burton apud Grovier, 2019, online).

O mesmo é verdade para o corpo. Em seus brilhantes estudos sobre a dança, José Gil aponta para o vazio primordial do qual irrompe o movimento em suas múltiplas formas. “Só o silêncio ou o vazio permite a concentração mais extrema de energia, energia não-codificada, preparando-a todavia a escorrer-se nos fluxos corporais” com “toda a força da sua singularidade” (2001, p. 17). Logo, o corpo melancólico conjuga paradoxalmente toda a inação e a ação latente.

Não se trata, portanto, de condenar a melancolia para ajustar-se aos níveis recomendados de “normalidade”. Como nos ensina Nietzsche, qualquer projeto de erradicação da doença seria desprovido de sentido. Segundo o filósofo, a saúde é, por excelência, dionisíaca: não significa “matar as zonas de sombra, mas (...) *incluí-las em um movimento de alegria* que as supera (...). Essa grande saúde engloba todos os nihilismos para transfigurá-los” (apud Peixoto Junior, 2010, p. 409, grifos nossos). Trata-se, então, de *curar* a melancolia. Curar não no sentido determinista e científico de uma resolução derradeira e permanente da dor, mas como o tratamento demorado e apurado que se dá,

por exemplo, à madeira, ao queijo ou ao concreto. Curar no sentido de preparar, aparelhar, laborar, maturar. Entregar o corpo a si próprio, “não ao corpo-mecânico nem ao corpo-biológico, mas ao corpo penetrado de consciência” (Gil, 2001, p. 28), recobrando aquilo que lhe é mais essencial – sua afectibilidade (Pelbart, 2013, p. 31), sua musculatura ativa, seu dinamismo, seu ritmo.

Bá, o hieróglifo do antigo Egito para a alma (e para a letra B), era a parte interior da perna e o pé. É como se a alma se constituísse de caminhar, caminhar como o vento e com o vento. Assim, a alma do humano é o movimento, conta-nos Hillman (Baitello Junior, 2012, p. 127).

Não é certo que deste processo resultará algo positivo – ou algo sequer. A perda e a falta são, por natureza, ambíguas: podem, na mesma proporção, paralisar ou impulsionar o sujeito. O trabalho³ apresenta-se, aí, como o ponto de transformação, o ponto que faz virar este pêndulo rumo à atividade, à criação. Caso não se execute trabalho, submerge-se no caos ou, na pior das hipóteses, permanece-se sentado, no mesmo contar monótono dos dias. É o trabalho que “franqueia passagem para uma satisfação outra, mais intensa e rica. Ousaria dizer que mais humana, pois se expressa por aquilo que trazemos de mais característico em nossa espécie, a construção do simbólico” (Chaffin, 2012, p. 66). Lacan nos diz que “andar só é ato desde que não diga apenas ‘anda-se’, ou mesmo ‘andemos’, mas faça com que ‘cheguei’ se verifique nele” (apud Chaffin, 2012, p. 64). Nós, entretanto, diremos: para que algum dia *cheguemos*, precisamos, antes de tudo, andar. Somente assim poderemos (re)criar um corpo que tenha o poder de (re)começar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO JUNIOR, N. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2012.

BUTLER, J. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CHAFFIN, C. **Caos e criação: a dinâmica da perda criadora**. In: Revista Alceu, 12 (24). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.

CRARY, J. **24/7 – Capitalismo Tardio e os Fins do Sono**. Lisboa: Antígona, 2018.

³ No contexto do presente ensaio, estamos cientes da conotação que o termo pode assumir. Por isso, faz-se necessário sinalizar que sua aparição no texto não pretende evocar a ideia do trabalho na lógica capitalista neoliberal, que se quer desenfreado, 24/7, autônomo e sem garantias. O sentido no qual o utilizamos, aqui, é somente aquele resgatado por Cássia Chaffin (2012): o trabalho como a sua conceituação na física, que descreve as trocas energéticas entre sistemas. Quando há energia sendo acrescentada ao corpo, quando a força atua no sentido do deslocamento, o trabalho é positivo; quando uma força no sentido oposto ao deslocamento retira energia do corpo, o trabalho é negativo.

DE CASTRO, I. Alienação civilizacional, arte e melancolia. In: **artciencia.com, Revista de Arte, Ciência e Comunicação** [online], 2011. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/artciencia/article/view/12190>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

DELEUZE, G. **Sobre o teatro: Um manifesto de menos / O esgotado**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010.

DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

EHRENBERG, A. **The Weariness of the Self: Diagnosing the History of Depression in the Contemporary Age**. Quebec: McGill-Queen's University Press, 2010.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: FREUD, S.; KEHL, M.; PERES, U.; CARONE, M. e CARONE, M. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIL, J. **Movimento Total; o Corpo e a Dança**. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

_____. **Metamorfoses do Corpo**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

GROVIER, K. What is melancholy in the 21st Century? **BBC Culture**, 7 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/culture/article/20191107-what-is-melancholy-in-the-21st-century>>. Acedido em: 13 abr. 2021.

HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

VON KLEIST, H. **Sobre o teatro de marionetas e outros escritos**. Lisboa: Antígona, 2009.

LAPOUJADE, D. O corpo que não aguenta mais. In: LINS, Daniel D.; GADELHA, Silvio. (Org.) **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LAZZARATO, M. **O governo do homem endividado**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

_____. **Signos, máquinas e subjetividades**. São Paulo: Edições Sesc e n-1 edições, 2014.

MOREIRA, L. Por que ainda a melancolia? In: Miscelânea: **Revista de Literatura e Vida Social**, 23 [online], 2018.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

PAL PELBART, P. **O avesso do niilismo: Cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

_____. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PEDROSSIAN, D. O sofrimento do corpo e da psique sob a dominação social. In: **Psicologia UsP**, 19 (2). São Paulo: abril/junho, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusp/v19n2/v19n2a04.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PEIXOTO JUNIOR, C. Algumas considerações nietzschianas sobre corpo e saúde. In: **Interface - Comunic., Saúde, Educ.** 14 (35) [online], 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/icse/2010nahead/aop2110.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

PERES, Urania Tourinho. Uma ferida a sangrar-lhe a alma. In: FREUD, S.; KEHL, M.; PERES, U.; CARONE, M. e CARONE, M. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PINHEIRO, T.; VERZTMAN, J. O modelo melancólico e os sofrimentos da contemporaneidade. In: HERZORG, R.; VERZTMAN, J.; PINHEIRO, T.; PACHECO-FERREIRA, F. (Org). **Sofrimentos narcísicos**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, UFRJ; Brasília, DF: CAPES PRODOC, 2012.

SAFATLE, V.; KEHL, M. **Melancolia no poder**. Conferência proferida no dia 19 agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NtqCR5845XY>>. Acedido em: 13 abr. 2021.

SOLOMON, A. **O demônio do meio-dia, uma anatomia da depressão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Organizadora de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade. Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándome en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Organizador de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade. Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropologia da saúde 122

Antropologia médica 122

Audience 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

B

Bahá'í 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

C

Cansaço 108, 109, 110, 111, 113, 115, 117, 118, 120

Capitalismo neoliberal 108, 111, 113, 115, 118

Classical music 10, 11, 13, 15, 16, 19, 21, 22, 23

Community 10, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 59

Conflicto post-divorcio 82, 85

Continuity 46, 149, 151, 152, 154, 156, 157, 160, 162

Corpo 27, 30, 33, 34, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 130, 132, 148

Cultura empresarial 73, 75, 80

Culture 8, 16, 18, 23, 40, 45, 46, 49, 50, 51, 54, 56, 73, 74, 81, 120, 152, 156, 157, 158, 162

D

Dinâmica poblacional 58, 59, 60

Doable Solution 37, 38, 42, 43, 44

E

Ecological education 37, 39

Ecological Ethics 37, 38, 39

Effective Pedagogy 37, 38

Ensino Superior 24, 25, 26, 27, 29, 30, 35, 36

Ernesto Rogers 149, 150, 151, 153, 157

Escritoras de narrativa latinoamericanas 133

Esgotamento 108, 110, 113, 115, 118, 120

Estilo de liderazgo 73, 74, 80

Estudantes 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36

F

Fenômenos históricos 88, 89, 103

Futuro 24, 28, 31, 32, 33, 35, 36, 64, 107, 114

H

History 1, 2, 12, 46, 49, 56, 57, 120, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162

I

Identidades 24, 97, 98, 103

Ideologia 88, 89, 90, 91, 92, 95, 97, 100, 101, 103, 111, 142

Indígenas 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 142

L

Listening 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23

M

Melancolia 108, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121

Modelización matemática 58, 59, 60, 61, 64, 71

N

Nordeste (Brasil) 88

O

Obesidade 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132

Obesidade pediátrica 122

P

Performance 10, 11, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 55, 81

Processo de ensino-aprendizagem

Processo de Ensino-Aprendizagem 24, 27, 31, 32, 34

Pymes 73, 75, 76, 77, 80, 81

R

Racismo 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106

Relación paterno-filial 82

Religion 46, 47, 50, 52, 53, 55, 57

Resistencia-rechazo de menores 82

Right-Relation 37, 39

Robert Thornton 1, 2

S

Schoolbook 1

Sistemas dinámicos 59

Sobrepeso 122, 123, 124, 129, 130, 132

Sustainability 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 57

T

Terrorismo de Estado 133, 135, 136, 137, 138, 141, 144, 147, 148

Torre Velasca 149, 150, 155, 157, 158, 159, 160, 161

Tradition 5, 8, 15, 46, 52, 57, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 158, 161

V

Violencia sexual 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148

Virgil 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

W

William Blake 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9

Woodcut illustration 1